

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semest. — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 912	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120	30 DE ABRIL DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## A guerra entre a Russia e o Japão



O ALMIRANTE RUSSO MAKHAROF

### CHRONICA OCCIDENTAL

Até que finalmente! disseram á uma, commerciantes, politicos, gente de theatro, e geralmente todos os curiosos, todos os que precisam de jornaes para seus annuncios, seu modo de viver, seus reclamos, sua satisfação pessoal pela manhã ao almoço, e á noite, á hora de saborear o café e o charuto em cima do jantar.

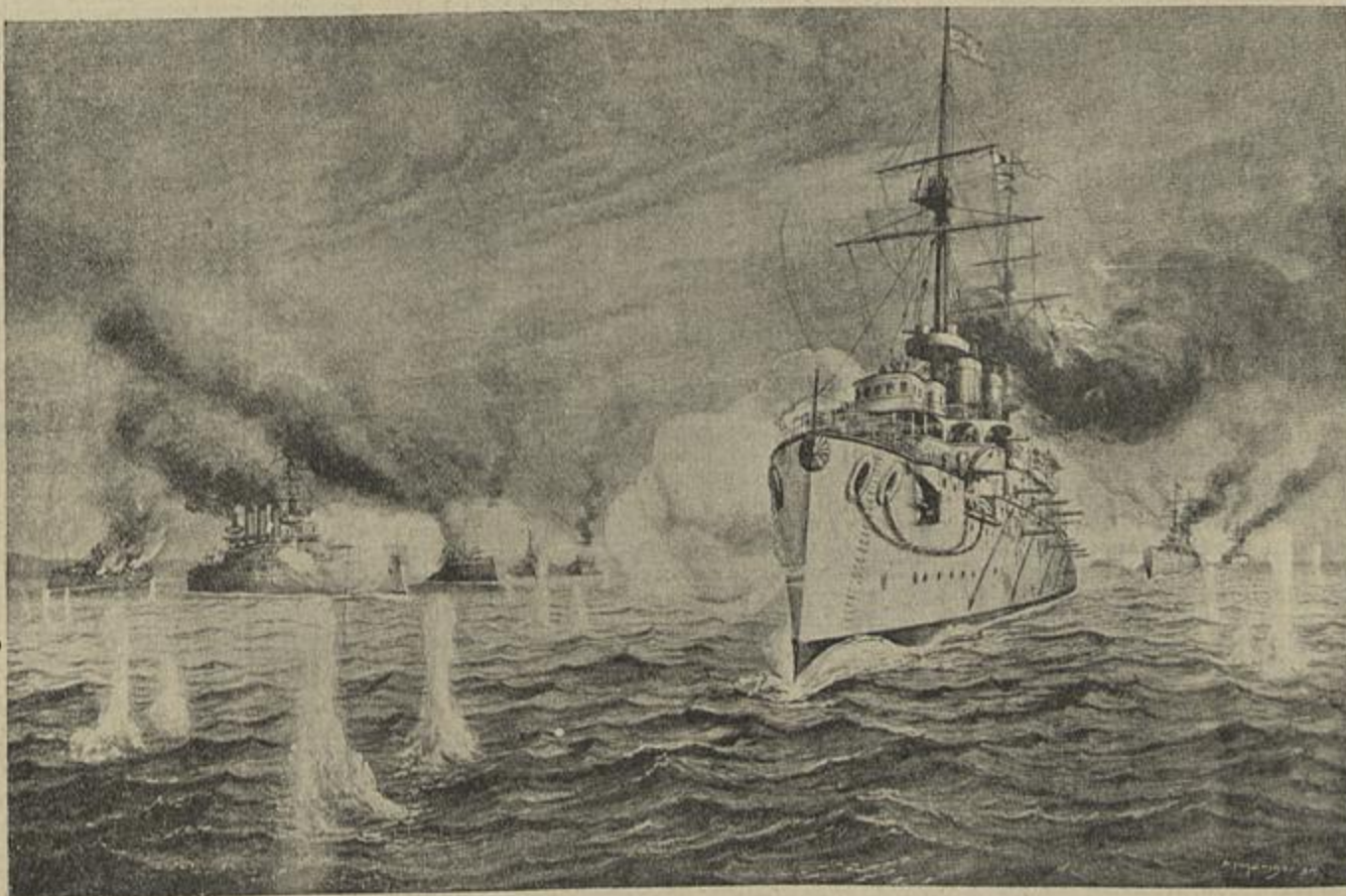
Era uma falta que já se manifestava por um mal-estar physico, digestões mal feitas, insomnias persistentes. Houve gente que pasmou das victorias de Alexandre quando não havia *Seculo* nem *Diario de Noticias*, e do estro de Camões sem leitura do *Dia* e das *Novidades*.

Enquanto os typographos estiveram teimosos, fazendo parede, Lisboa andou fóra da vida costumada, ignorante do que havia de fazer pela manhã e á noite, e até do que havia de pensar, que ha sempre não sómente quem ande só para onde outros lhe apontem, mas até quem só pense o que outros lhe mandam pensar. Ter uma opinião sem saber a do jornal favorito, é problema de solução difficil.

Pois na terça feira ao meio dia já tudo entrara nos eixos, já cada habitante sabia onde havia de comprar as ceroulas mais baratas, e a que theatro havia de ir á noite e o que havia de pensar do sr. Hintze Ribeiro e da dissolução das Côrtes.

Uma das mais tremendas accusações que se faziam aos jornaes era a de espalharem as mentiras com uma velocidade tal que não havia fugir-lhes evitando o atropellamento. Melhor argumento em defeza não teem os srs. jornalistas que a narração dos factos que se deram enquanto suas pennas estiveram no lamentavel descanso. Nunca a mentira correu tanto, nunca tantas se inventaram. Eram milhares e milhares, como se no bico as transportassem por toda a capital, sollicitos, os pardaes da Avenida multiplicados.

A certeza de que o desmentido andaria ronceiro dava-lhes uma animação extraordi-



COMBATE DAS ESQUADRAS JAPONEZA E RUSSA NAS AGUAS DE PORTO ARTHUR



naria. E não se contentavam com pouco os alviçareiros; até mortes inventaram e, quando se tratava de politica, não recuavam perante o maior dislate.

Os mentirosos de profissão andavam radiantes, cheios de saúde, muito levesinhos com seus fatos de primavera, para melhor correrem, annunciando gravissimos desastres com o mais encantador dos sorrisos.

Oito dias tiveram de reinado e com as mais amargas saudades os hão de recordar para sempre. Nem o balão do «Ferramenta» em paragens ignotas faria melhor figura do que certas balleas gordas, rotundas, majestosas, que elles encheram com o maior cuidado e largaram a subir ante a população boquiaberta, embasbacada.

Oito dias! Como o tempo correu rapido para elles! Que pequeninas são as semanas de completa felicidade!

Os jornaes do Porto é que tiveram larga venda em Lisboa durante a ausencia dos periodicos da capital. Chegou o *Primeiro de Janeiro* a vender-se a meio tostão, tres vintens e tostão, conforme o interesse do publico pelo jornal progressista, que melhor discutiria os recentes actos do governo.

Factos importantes na politica não faltaram n'estes ultimos tempos, d'estes que a todos mais de perto interessavam a curiosidade. E os typographos sem quererem conciliar-se com os directores de jornaes, e a lucta aberta promettendo prolongar-se!

Foi com verdadeira surpresa que a noticia correu, e logo depois se confirmou, de que os jornaes, com raras excepções, voltariam a ser publicados na terça feira.

Depressa as edições se exgotaram.

Os typographos, como bons filhos, haviam tornado a suas casas, e todos os jornaes publicavam a nota approvada em reunião dos directores dos periodicos de Lisboa, elucidativa da questão, e as communicações por elles dirigidas ao governador civil e pelos delegados dos compositores typographicos.

Tudo voltou á antiga. Só nos resta desejar que este primeiro desacordo fosse o ultimo entre os que trabalham para um mesmo fim que deve ser altamente sagrado.

Ninguém lucrou afinal com esta ausencia dos jornaes, a não ser talvez um bocadinho o governo que respirou por uns dias emquanto o páu foi e se demorou a voltar.

Mas voltou. Já os jornaes da opposição tornaram á carga cerrada, discutindo as ultimas resoluções do governo e dando conta dos comicos que por diversas cidades do paiz se vão realisando contra as propostas de fazenda.

Noticias politicas não faltaram durante a semana, desde a dissolução das camaras, para dar materia a volumosos artigos.

Diz-se que no Conselho de Estado falaram contra a dissolução os srs. Beirão, João Franco e Julio de Vilhena. Dissolvidas as camaras, são as proximas eleições juntamente com a recomposição de que muito se tem falado, o que mais preoccupa todos quantos em Portugal, e infelizmente são até demais, teem nas conversações politicas o unico exercicio de suas faculdades.

O ultimo boato dizia que sahiriam do ministerio os srs. Campos Henriques, Condé de Paçõ Vieira e general Gorjão, entrando os srs. Avellar Machado, Claro da Ricca e Pereira de Lima, passando o sr. Pequito do Ministerio da Fazenda para o da Marinha. Entretanto esta recomposição não parece dever realisar-se senão na proximidade da abertura das novas camaras.

Tanto os franquistas como os progressistas parece ainda não estarem de accordo sobre a attitude que os seus partidos devem tomar nas proximas eleições. Os republicanos só tomam deliberacão, segundo parece, depois que os monarchicos houverem resolvido a abstenção ou a lucta. Os srs. José de Alpoim e Francisco Beirão na reunião dos progressistas evidenciaram a este respeito opiniões muito contrarias. Ao lado do sr. Alpoim, pela lucta, estão os srs. Francisco Maria da Cunha, Ressano Garcia e Manuel Affonso Espregueira; ao lado do sr. Beirão estão os srs. Sebastião Telles e Pereira de Miranda. Já se falou até d'uma approximação de certa facção progressista com alguns franquistas, mas parece que entre estes o projectado accordo não encontrou entusiastas.

Tantas e tão boas noticias que não foram discutidas senão agora englobadas umas nas outras!... Que desesperos contra os typographos que não deixaram os articulistas de fundo espraíarem-se em considerações sobre cada um d'estes boatos!

Mas algum bem resultou das exigencias dos

compositores. Em cada mal ha sempre o quer que seja que produz um bem. Desde então a união dos jornalistas é mais intima e para uma acção boa ahí os vimos todos reunidos. Brilhantissima foi a festa de caridade promovida pela imprensa de Lisboa a favor dos vendedores de jornaes, realisada terça feira no Colyseu das Portas de Santo Antão com o concurso da companhia de opera e opereta italiana, da tuna da Escola Polytechnica e das seguintes actrizes portuguezas: Cecilia Machado, Amelia Pereira e Palmira Bastos.

Uma festa linda para cujo rendimento todos os theatros de Lisboa concorreram, fechando essa noite as suas portas.

Mais uma vez o sr. commendador Antonio Santos se revelou digno de elogio pela bizarraria com que cedeu a sua sala para tão sympathica festa.

Foi a grande novidade theatral d'estes ultimos dias antes da chegada do grande Bartel ao theatro D. Amelia com algumas peças classicas e outras das melhores do theatro moderno.

Do theatro portuguez ha a citar dois beneficios que já foram, o de Ferreira da Silva no theatro de D. Maria, com a appareição de Virginia sempre acclamadissima, e o de Adalina Abranches no theatro D. Amelia, despedida da companhia, com a *Cruz da Esmola* e a *Ceia dos Cardeaes*. Para o dia 7 annuncia-se no theatro de D. Maria o beneficio de Palmira Bastos. Dois bellos concertos: os das irmãs Suggias, duas grandes artistas, e a do violinista Francisco Benetó com o concurso de bons artistas e amadores.

E agora, adeus, theatros portuguezes!

O espectáculo em favor da familia do infeliz Celso Herminio foi addiado para o proximo inverno, visto as difficuldades que havia para realisar o immediatamente e ser difficil obter uma enchente em S. Carlos com o verão já muito adeantado.

N'elle entramos e não nos promette d'esta vez ser falho em novidades. A politica, tanto a caseira como a exterior, dar-nos-ha assumptos á farta. Eleições em Portugal e guerra no Extremo Oriente darão nos jornaes paginas e paginas de telegrammas, os falsos melhores que os verdadeiros, pois que dão logar a desmentidos. Um telegramma só é certo depois da confirmação e não raras vezes é motivo d'outro que assim principia: — «Ainda não está confirmado...» O que quer dizer que a verdade tem de ser repetida tres vezes.

Para terminar, a empreza d'este jornal dá as boas vindas a Francisco Gouveia, antigo administrador do *Diario Illustrado*, recém-chegado do Rio de Janeiro, e nós saudamos com o maior entusiasmo o grande poeta brasileiro Olavo Bilac, que tivemos o gosto de abraçar em Lisboa.

João da Camara.

## EL-REI, ARTISTA, E RAFFAELLI (1)

A arte é a libertação suprema das almas. Não digo isto para enfunar de vaidade os pequeninos artistas, sem folego e sem azas, que estão precariamente convencidos de que a verdadeira arte consiste n'uma especie de estylisação das habilidades manuaes, aperfeçoadas por sabedorias de escolas. Fallando assim, quero referir-me á grande arte que consagra a Vida, por meio d'idéas ou de fórmulas, e faz pulsar divinamente as intelligencias, visionando o pensamento com vibrações creadoras.

Porque a maior liberdade dos individuos ou das multidões é a que lhes provem das emoções espirituaes. Essa é que desperta de vez em quando no homem o orgulho de não ser um simples animal, viciado de requintes perversos que o distinguem da brutalidade ingenua das feras. E dá-lhe, com o milagre da suggestão ou da pura ebriedade psychica, o impulso que o atira irresistivelmente para esse mundo superior, feito de sonho em plena realidade, onde elle pode desdobrar á vontade todas as faculdades transcendentaes do seu pobre ser, condemnado quasi sempre á lucta das materialidades rasteiras.

(1) Honra-se hoje esta revista em publicar este estudo critico sobre as obras d'arte de S. M. El-rei D. Carlos. Pertence elle a uma serie de estudos de critica d'arte que o nosso querido amigo e antigo collaborador do «Occidente» sr. Monteiro Ramalho está escrevendo, e que muito amavelmente nos cedeu para vir aqui primeiro a luz da publicidade.

E ahí temos nós, todos os annos, o exemplo categorico d'um rei, — do nosso Rei, está claro, — prompto a livrar-se das peias officiaes, que devem ligal-o como cintas de mumia, para vir ás exposições abertas ao publico patentear os productos soberanos do seu talento d'artista, de parceria com os profissionaes. Não contente d'isso, procura expandir algumas tendencias litterarias que parece ter herdado de D. Luiz de Bragança, accrescentadas agora de complicações scientificas; e manda estampar o seu nome n'uma ou n'outra brochura d'estudos naturalistas, entregando-se á larga concorrência da publicidade, como se quizesse documentar tambem a justeza da opinião emitida por A. de Vigny, quando proclamou, com aquella desenvoltura que os romanticsos tinham na cabelleira e no verbo, — que a realza moderna está principalmente no Livro!

Postado no cume da organisação politica do paiz, com a cabeça sobrecarregada pelo velho symbolo da corôa, o Sr. D. Carlos não pode furtar-se ao exhibicionismo adstricto á chefatura do Estado, e tem d'enredar a sua existencia na roda etiqueteira d'uma côrte. Gosta ainda de dar folgas aos atavismos confluidos no seu temperamento bem portuguez, ostentando predilecções por touzadas e navegatas costeiras. Mas, apesar de tudo, encontra tempo de feição para se refugiar no isolamento fecundo do gabinete de trabalho, absorvendo a sua intellectualidade n'esse idealismo activo que exalta todos os espiritos como um dom de poesia.

Então, medita em paz sobre o turbilhão de vidas innumeraveis que se agitam nas profundidades do oceano, e sente a commovida ambição de transmitir aos outros as impressões colhidas nas suas curiosas explorações maritimas, para se enfileirar na ala dos pesquisadores graphicos dos mysterios do globo. Ou, entretido pela inspiração esthetica, maneja laboriosamente os esfuminhos de côres, e traça alguns dos seus deliciosos desenhos a pastel, em cujas tonalidades intensas se reproduzem e fixam, com fulgurantes reflexos da magia eterna que acompanha os espectaculos da natureza, efeitos luminosos de vagas em cachão e d'aureolados poentes, observados com amor e executados com brilho, ou scenas movimentadas de pescarias a que não falta o rude cunho dramatico das fainas do mar.

Tambem não desdenha de exteriorisar, com variavel felicidade, qualquer sobresalto d'imaginação que lhe advenha das suas leituras. E assim lhe aconteceu ha annos, quando expressou com figurinhas de rapida composição um esboço interpretativo do terrivel dialogo descripto por Gonçalves Crespo nos tercetos celebres da *Resposta do Inquisidor*, — que é, só por si, um quadro de sinistra grandezza, com extraordinarios assomos de evocação historica, na sua sobriedade tragica.

Mas a sua communicativa e ardente sinceridade, ou antes, a sua effusão de meridional, que estremece ao contacto da terra querida, manifesta-se sobretudo nos admiraveis estudos da paisagem ampla do Ribatejo, com os mouchões verdoengos da borda d'agua, por onde os caçadores obrigam a fugir os patos bravos, na meia claridade das madrugadaes tredas; e com os tratos de charneca onde os touros passeiam ás manadas, como senhores possantes do solo, tendo alli algum caracter d'entes consagrados pelas adorações e pelos pavôres dos habitantes d'aquella região typica; e com as vastas planicies de campinas e lezírias, desenroladas sem fim até aos quentes horisontes, e relevadas apenas, de longe a longe, pelos vultos dos choupos e das medas conicas de palha, que se assemelham a monumentos frageis e toscos da labuta rustica.

O sentimento da côr é a sua qualidade mestra, em tudo preponderante; e leva-o sempre a escolher os mais pittorescos assumptos. A diversidade, ao mesmo tempo, deleita-lhe a mão expedita, doada d'extrema aptidão e guiada por intuições lucidas, embora tenha de recorrer por vezes a alguns toques d'artificio para vencer, com graça, certas difficuldades mais impertinentes do acabamento. E a sua alma satisfeita, durante as breves horas que são compatíveis com as imposições e as distrações do seu ambito social, consegue afinal evadir-se para a elevada atmospheria d'encantamento, que a Arte sabe proporcionar a quem se lhe entrega com devoto coração...

Agora folheio o catalogo da ultima exposição effectuada pela Sociedade Nacional de Bellas-Artes, — o titulo é comprido, mas vistoso, — com o natural interesse de vêr qual foi este anno a contribuição pontual d'el-rei D. Carlos. Lá vêem mencionadas duas produções novas: a primeira é um pastel, especie favorita, e praticada com proveitosa constancia; a outra ignoro o que seja,



porque encontro a defini-la e como que a singularis-a o seguinte letreiro original:

#### Processo Raffaelli

Não conheço o trabalho real, e por isso não posso penetrar-lhe a intencional significação, nem apreciar o rebuscado ageito da sua factura. Mas a verdade é que a boa tecnologia das artes maiores não ensina processo algum, determinado e prescripto como obra de receita, que se enfeite com o nome exótico de Raffaelli. Este grande observador dos homens d'officina, dos esquivos refractarios da vida parisiense, e de toda a casta de gente das ruas, cujos feitos e costumes a sua retina apprehende como um reflector d'aguda precisão, tem cultivado, simplesmente, a secular pintura a oleo.

E' certo que elle exercita velleidades de refundir um pouco a structura material d'esta forma d'arte, accrescentando elementos da sua escolha ao complexo utensiliario, successivamente evolucionado, que tem servido para a realisação e conservação d'ella pelos tempos adiante. Nem tal diligencia reformadora deve surprehender a quem, da parte d'um agitador de modalidades reflectidas como é Raffaelli, que até quiz dotar com garridices de colorido o classico negrume da agua-forte! Mas não subverteu nem desvirtuou, na sua essencia ou na sua logica, os fundamentos da antiga e malleavel pintura abastecida d'oleo. E com ella ganhou, de facto, a sua reputação inconfundivel.

Ora, entre essas tentativas d'avanco, correspondentes a incoerciveis propensões mentaes, e o que rigorosamente comporta a classificação de processo, existe uma distanciação descommunal. Processo, n'esta ordem de cousas, é qualquer meio de reproducção mecnica, apenas, como a zincographia e outras invenções subsidiarias do industrialismo artistico.

Vi, entre outros, um quadro de Raffaelli, — denominado *Les Forgerons*, se bem me lembro, — que constitue a mais completa documentação d'um trecho flagrante de naturalidade. Dois ferreiros de physionomias taciturnas, trocando a forja por um conforto de taberna, tratam de beber exiguas pingas de vinho, n'uma aberta de repouso; e os seus corpos torcidos e acurvados, os gestos duros com que empunham os copos, traduzem accentuadamente as attitudens dos trabalhadores afeitos á bigorna, como n'uma annotação perscrutante de todos os stygmata mesteirae. A execução será engenhosa, pode ser mesmo exquisita. Mas o resultado é cabal, — e faz pensar, sobretudo.

O auctor caminha tambem na piugada philosophica dos altos romancistas Edm. e J. de Goncourt, que projectaram a reparadora luz da sua analyse sobre as existencias arrastadas dos miseriosos. E, assim como aquelles raros artistas da palavra escripta introduziram enxertias de transformismo enovador na litteratura franceza do seu tempo, Raffaelli adquiriu uma maneira de pintar que tem destaques excepcionaes; porque, nas suas telas caracteristicas, o volume das tintas toma relevos e modelações que chegam a parecer esculpturaes, e o proposito evidente de desobedecer a dispensaveis convenções do claro-escuro.

Apesar de todos os prodigios operados pela Arte, que já induziu os proprios millionarios a fazerem maravilhosos jogos d'ouro sobre o pai-fazer mystico e labrego do *Angelus*, não é provavel que o Sr. D. Carlos tenha procurado na imensa tetralogia da plebe algum thema para a sua tarefa mais recente. Antes o titulo que lhe toca, *No Sado*, inculca uma tranquillidade e amena toca, sómente. Occorre-me portanto a hypothese de que o Rei, que pinta a oleo poucas vezes, pretendesse fantasiar d'esta feita uma imitação do pessoalissimo *estyl*o de Raffaelli, o qual é unico, de marca exclusivista, e difficilmente abordavel. E, se houvesse de reduzir-se a isto o caso em questão, mais acertado teria sido talvez o expediente de recusar essa inutilidade plastica ao exame da critica ribaldeira!

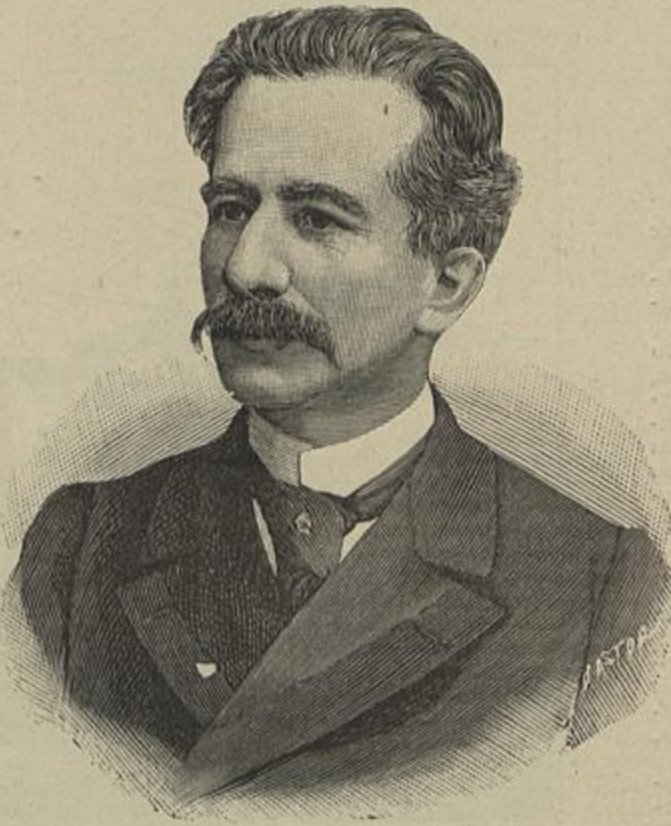
Douro, — junho de 1903.

Monteiro Ramalho

## RODRIGO AFFONSO PEQUITO

A nomeação do sr. Rodrigo Affonso Pequito, para o elevado cargo de ministro de Estado, nomeação accete com o mais geral applauso de sympathia, postos de parte todos os preconceitos de seitas politicas, representa a consagração justa de uma longa vida de trabalho intelligente e dedicado, de uma serie extensa de serviços inestimaveis, prestados ao seu paiz, e muito especialmente á instrucção nacional, por um caracter são, probo e lealmente patriota.

Tendo começado a sua vida como modesto guarda-livros, e iniciado a sua educação scientifica com os cursos commercial e industrial do *Instituto de Lisboa*, a esse tempo recentemente creado, o sr. Pequito soube depressa conquistar o lugar de lente de contabilidade n'aquell estabelecimento de ensino pratico, pelo qual tem manifestado a mais profunda afecção, e do qual é ainda hoje um dos mais antigos, considerados e queridos professores. Quem escreve estas linhas teve a honra de ser seu discipulo, e conserva grata recordação das sympathicas relações de cor-



CONSELHEIRO RODRIGO AFFONSO PEQUITO

NOVO MINISTRO DA FAZENDA

deal estima que o professor sabia manter com todos os seus alumnos. A escola que elle tem sabido melhorar e engrandecer deve-lhe inolvidaveis favores. O ensino foi sempre uma das mais entranhadas paixões de Rodrigo Affonso Pequito. N'isto estaria só por si o melhor e mais incontestavel de todos os elogios. Mas, fóra da escola, a actividade sempre honesta, desinteressada e digna d'este homem, manifestou-se largamente na organização e elevação da *Sociedade de Geographia*, na representação do paiz em congressos internacionaes geographicos, nas exposições coloniaes, na celebração do centenario de Camões, no desempenho de innumeradas commissões de serviço publico, de cargos electivos, na collaboração assidua de jornaes e revistas e nas suas publicações profissionais.

Caracteriza-o a febril actividade do espirito, sempre bem intencionado, tendo por mira a elevação do nivel intellectual e moral do seu paiz, para o que tem empregado todos os esforços com uma dedicação e persistencia, que constituem a sua melhor gloria.

Na cadeira de professor, no conselho escolar do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, do qual se orgulha de ser filho dilecto, na inspecção das escolas normaes de Lisboa, deixou assignalado o seu amor pelo engrandecimento da escola e pela elevação do ensino. O Instituto, modesta e simples escola de ensino profissional ele-

vou-se, graças ás diligencias de Rodrigo Affonso Pequito, á categoria de uma das mais perfeitas escolas de ensino commercial e industrial, cujo renome anda affirmado no estrangeiro, e cujos creditos se acham firmados no nosso paiz pelo numero enorme de antigos alumnos que, pela sua solida educação scientifica, teem ascendido a elevadas posições sociaes, na vida publica portugueza. Constructores, architectos, engenheiros, industriaes, guarda-livros, consules, secretarios de embaixada, funcionarios das alfandegas e dos ministerios, deputados da nação, agentes financiaes e consulares, officiaes de fazenda de terra e mar, teem sahido das aulas do Instituto, cujo engrandecimento ensinativo se deve em boa parte ao seu prestante e dedicado professor Rodrigo Affonso Pequito.

Por tudo isto, a nomeação do illustre cathedratico cujos traços biographicos largamente registados nas folhas periodicas do paiz, não carecemos de reproduzir aqui, representa, gostoso é repetil-o, um dos mais notaveis exemplos da consagração do trabalho incessante, do caracter honesto e irreprehensivel, da orientação sã, patriotica, e sempre justa e boa, de um dos mais dedicados servidores da causa sacrosanta da instrucção e do ensino, e de um dos mais persistentes propugnadores do desenvolvimento e progressos materiaes e intellectuaes da Patria Portugueza.

O OCCIDENTE, por mais de uma vez honrado com a sua collaboração litteraria, inserindo n'este numero o retrato do honrado e illustre cidadão, cuja folha cheia de serviços, acaba de completar-se pela nomeação para os conselhos da Corôa, felicita-o com a maior cordealidade, prestando-lhe assim mais uma justa homenagem de respeitosa estima.

Victor Ribeiro

## Guerra entre a Russia e o Japão

Em o n.º 907 do OCCIDENTE, a pag. 51, publicamos o primeiro artigo sobre a guerra entre a Russia e o Japão, dizendo quaes as causas que a determinaram e dando conta dos primeiros combates, favoraveis aos japonezes.

Hoje proseguindo sobre o mesmo assumpto, damos conta a nossos leitores, da marcha dos acontecimentos conforme as noticias mais auctorizadas que temos recebido.

PORTO ARTHUR

É este o ponto para onde tem convergido a attenção dos japonezes até mesmo depois de terem alargado o seu campo de acção com a sua concentração na Corea e as tentativas de invasão na Mandchuria.

Porto Arthur é quasi inexpugnavel pela sua situação que o torna protegido do lado do mar contra o bombardeamento, sendo a sua bahia cerrada por alterosas montanhas, larga bastante a sua entrada para não temer a obstrução e bastante profunda para que os cruzadores possam navegar n'um raio de duzentos metros.

Cidade e porto de mar fortificado, é o general Stœssel o seu governador militar que, em seguida ao rompimento das hostilidades affirmou a sua energia na seguinte ordem á guarnição:

«É preciso combater até ao ultimo extremo, porque eu, o commandante, nunca darei ordem para que nos entreguemos. Chamo sobre isto a attenção dos que são menos corajosos, afim de que todo o mundo esteja convencido de que a lucta que empenharem connosco será uma lucta de morte.»

O primeiro bombardeamento de Porto Arthur deu-se de 8 para 9 de fevereiro.

A esquadra japoneza composta de quinze couraçados bombardeou Porto Arthur, respondendo-lhe os fortes e sahindo logo da enseada toda a esquadra russa composta dos seguintes couraçados: *Cetropawovsk*, *Poltava*, *Sebastopol*, *Peresviet*, *Retvisau*, *Pobeda* e *Czarewitch*; dos cruzadores de 1.ª classe *Boyan*, *Arkold*, *Pallada*, *Diana* e *Vargay*; dos cruzadores de 2.ª classe *Novik* e *Labiaca*; de quatro canhoneiras, tres



# A guerra entre a Rússia e o Japão



KOURO-PATKINE  
MINISTRO DA GUERRA RUSSO

transportes, dois cruzadores torpedeiros e onze torpedeiros.

No combate naval que se seguiu soffreram diversas avarias o *Retvisau*, o *Czarewitch* e o *Palada*.

Depois d'este, os bombardeamentos a Porto Arthur teem-se succedido quasi sem interrupção, sendo importantes os estragos materiaes causados pelas granadas dos japonezes e havendo tambem muitas victimas a lamentar, porém, nenhum d'elles causou maior sensação e curiosidade no espirito publico do que os pormenores do bombardeamento a que se seguiu o

## COMBATE NAVAL

de 13 de abril e o desastre do navio almirante em que estava Makharoff e o seu estado maior.

Na madrugada de 13 de abril os japonezes bombardearam Porto Arthur, effectuando mais dois ataques um ás 9 horas da manhã e outro de tarde, no evidente fim de attrahir a esquadra russa, que de facto lhes sahio ao encontro.

Os japonezes recuaram então com grande presteza, porém, quando os russos se dispunham a perseguil-os, quarenta navios da esquadra japoneza occultos até então na ilha Line Schang, surprenderam Makharoff que por seu turno entendeu conveniente recuar.

Em resultado da explosão dos torpedos collocados pelos japonezes quatro navios russos foram postos fóra de combate.

Era o couraçado «Petropavlovsk» que levava a seu bordo o almirante, e foi quando este navio fugia para terra, que tocando uma mina submarina foi pelos ares submergindo-se a duas milhas do porto, levantando, ao afundar-se, uma enorme massa de agua que subiu a grande altura.

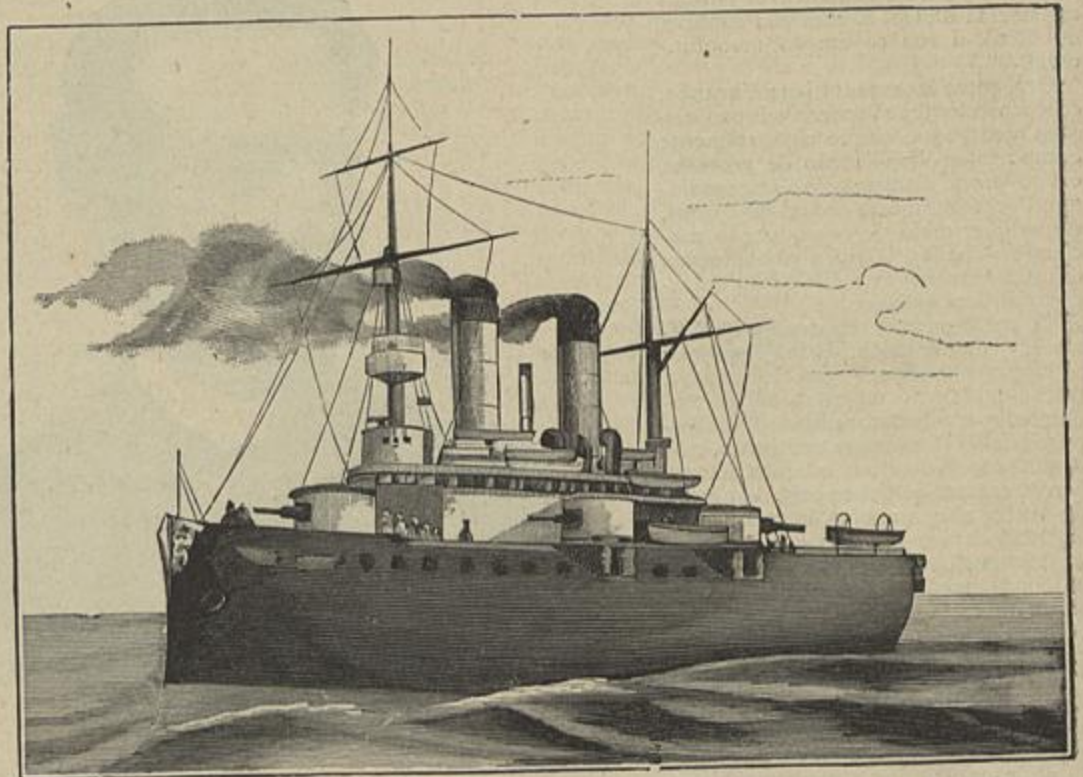
Raros homens escaparam lançando-se a nado. O almirante Makharoff encontrava-se n'esse momento no seu beliche, não se tornando mais a ver e o Gran-duque Cyrillo salvou-se a custo, ficando gravemente ferido.

Em S. Petersburgo a noticia do desastre que destruiu o «Petropavlovsk» causou uma profunda consternação desde o palacio imperial á mais humilde casa.

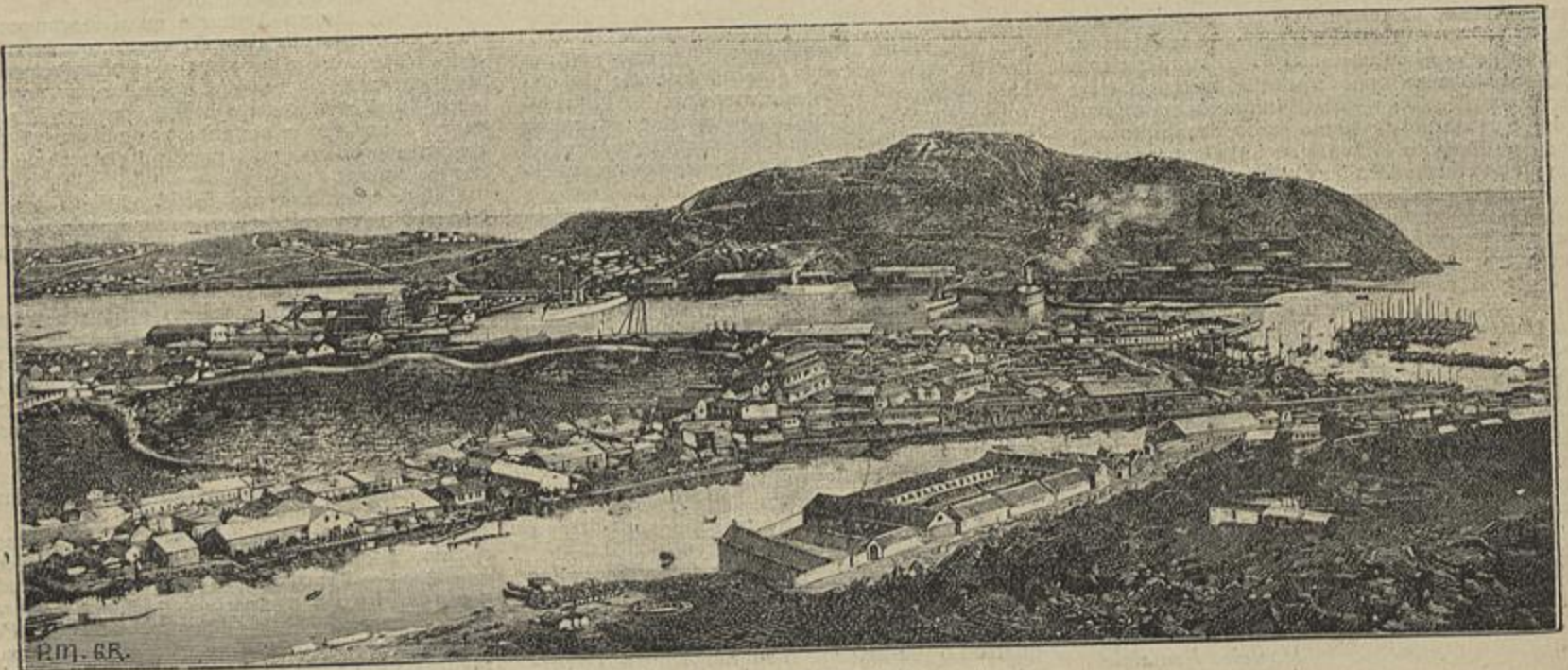
Ha muito que ali se esperava a noticia de um combate naval com successo para as armas russas, conhecidos como eram os talentos militares de Makharoff, a sua valentia e fama, infelizmente para essa nação e para todos que tinham concentradas n'elle as suas esperanças na victoria a decepção não podia ser mais contristadora.



TOGO  
ALMIRANTE DA ESQUADRA JAPONEZA



O COURAÇADO RUSSO PETROPAVLOVSK QUE FOI METTIDO A PIQUE PELA ESQUADRA JAPONEZA



PORTO-ARTHUR



## O ALMIRANTE MAKHAROFF

Partira no dia 17 de fevereiro para Porto Arthur, afim de substituir ali o almirante Strak.

A sua partida deu occasião a scenas entusiasticas e na frente da casa do almirante juntou-se grande multidão, abundando os aspirantes e os officiaes de marinha, acclamando-o com frenetico enthusiasmo.



FERNANDO DE FIGUEIREDO  
Interprete da peça «Do sonho á realidade»

Distinguiu-se pelo seu arrojo e rara prudencia na guerra de 1876, contra a Turquia. Foi sob as suas ordens que uma divisão de torpedeiros fez ir pelos ares alguns navios turcos no delta do Danubio.

Os habitantes de Odessa abriram uma subscrição para lhe erigir um monumento e aos marinheiros do «Petropavlovsk», desistindo a mesma cidade das festas solemnes projectadas para celebrar a chegada dos heroes de Chernomulpo logo que ali houve noticia da sua morte.

O almirante Makharoff esteve em tempo em Lisboa, era primo da sr.<sup>a</sup> D. Alice Munró, esposa do digno par do reino sr. Polycarpo Ferreira dos Anjos, tornan-



GUSTAVO MARTINS DE CARVALHO  
Auctor da peça «Do Sonho á Realidade»

do-se notavel no seu paiz pela sua illustração e pela sua bravura.

## O «PETROPAVLOVSK»

O couraçado «Petropavlovsk» era um dos melhores da esquadra russa do Extremo-Oriente.

Fôra construido em 1894, deslocava 11213 toneladas e tinha dois helices. Estava armado com quatro canhões grandes, doze de calibre medio e trinta e seis de pequeno, tendo tambem quatro tubos lança-torpedos.

Media 112 metros de comprimento por 21 de largura, e 8 metros de callado d'agua.

## KOURO-PATKINE

E' o ministro da guerra russo. A sua carreira tem sido feita com rara distincção tendo sabido grangear em volta do seu nome uma grande aureola de prestigio.

Além de muito experimentado é conhecedor da moderna tactica da guerra. A sua actividade extraordinaria a que o obriga a responsabilidade da pasta que dirige em uma occasião tão grave, tem sido provado na maneira como procura de prompto aplanar todas as difficuldades que os japonezes teem sabido crear aos planos de campanha da Russia.

Kouro-Patkine é alem de um espirito superiormente illustrado um diplomata distincto.

Em 12 de março partiu de S. Petersburgo para o theatro da guerra, afim de assistir ás operações militares, estabelecendo-se n'uma caruagem ou trem especial puxado por cavallos sobre carris.

Este trem circulou na Siberia muito rapidamente, com raras e breves paragens, salvo em Skronstad onde Kouro-Patkine recebeu as auctoridades e as deputações.

## ALMIRANTE TOGO

E' o commandante das forças navaes japonezas em frente de Porto-Arthur.

Nos diversos combates que tem dirigido está affirmada a sua alta competencia e os superiores talentos que possui para a alta missão em que foi investido pelo imperio japonéz.

O seu plano genial consistiu na tomada de Porto-

Arthur e n'isso se esforça, já bombardeando de dia a cidade já semeando de noite a enseada de minas explosivas cujos resultados teem sido tão deploraveis para a esquadra russa.

Julga-se que em razão das graves perdas infligidas aos russos o almirante Togo resolveu continuar com a sua esquadra em frente de Porto-Arthur para continuar o ataque com energia com o fim de vibrar o ultimo golpe na esquadra inimiga.



ANTONIO PIRES  
Interprete da peça «Do Sonho á Realidade»

Diz-se tambem que se prepara para effectuar logo que o tempo l'ho permitta desembarques simultaneos sobre alguns pontos das costas oriental e occidental da Coréa.

R.

## Gustavo Martins de Carvalho

Auctor do «Sonho á Realidade» peça escolhida pelo 5.<sup>o</sup> anno do curso juridico para festa de despedida.

Um condiscipulo seu, apresentando á immortalidade, em critica alegre, uns perfis salientes,



PEDRO MASCARENHAS — ANTONIO VAHIA — JOSÉ DELGADO  
VIEIRA DE CASTRO — CAMPOS MELLO  
No papel de Tricenas



AMILCAR BARCA  
No papel de Noiva sedida

«DO SONHO Á REALIDADE», PEÇA DOS QUINTANISTAS DE COIMBRA



dizia de Gustavo Martins de Carvalho o que vamos reproduzir entrecortadamente:

«Feroz como um satanaz d'opera, aspero como a escamaria d'um comprido peixe espada!...

«Nas aulas *urso*... e muitas vezes nos mata o bicho do ouvido com a costureira irritante—mas, perdão, V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença... e, zangado, passa a mão pela grenha leonina e berra por não poder bater... tudo na maravilhosa perspectiva de estender os cathedraicos...»

«Elle não terá, certamente, essa *maravilhosa perspectiva*, como determinado intento d'aspiração.

Mas é que não se torna facil contradictal-o e levar a melhor quando argumenta no entusiasmo d'uma ideia que *sente*.

«Mas, perdão, V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença... e ha que se lhe dar licença por que se *vê* a accleração d'uma força interior prodigiosa que depois se expande em argumentos glorificando a ideia que elle debucha, coordena, apresenta em scintillações de verdade e depois completa em apothese definitiva e irrefutavel.

Character independente, a que não é extranha a consciencia de que os seus triumphos são o merecimento do trabalho; alma nobre e leal aberta a grandes sentimentos, espirito superior em consideração e critica,—não temendo porque é impetuoso, vencendo porque tem o recurso d'uma vibrante intelligencia, elle é o que physiologicamente se pode chamar um vencedor.

Ha mezes—não é bem o longiquo «in illo tempore» mas Trindade Coelho dar-lhe-hia o tom typico—Martins de Carvalho depois d'uma noite de bohemia coimbrã, entrou na Universidade sem ter dormido ainda e sem conhecimento algum do assumpto da lição do dia.

Dominava-o a impressão d'essa noite cheia de amor, de sonho e de luar.

Não admira, pois, que Gustavo se sentisse na necessidade de recorrer á classica dispensa da lição.

E recorreu, apresentando pessoalmente ao lente essa dispensa, mas... por engano, talvez, o seu nome cahiu lentamente n'uma chamada em branco.

O facto era singular. A surpresa irritou-o sem conseguir perturbal-o. Martins de Carvalho avança firmemente, toma o lugar reservado aos que dão lição e principia por declarar em voz alta que havia pedido dispensa, mas que...

O lente interrompeu-o: effectivamente houvera engano; estava dispensado e podia retomar o seu lugar.

Mas o Martins de Carvalho não lhe soffria o animo este baldado incommodo:

—Não, já agora, V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença...

A licença foi concedida e elle deu uma das suas melhores lições, que o curso admirou e festejou como consagração do intelligente classificado.

Gustavo Martins de Carvalho é o auctor da recita escolhida pelo curso do 5.<sup>o</sup> anno juridico para festa de despedida.

«Do Sonho á Realidade» é o titulo da peça, é certamente das mais originaes e bem escriptas obras que se teem desempenhado em Coimbra em recitas sémelhantes.

A graça scintillante e finissimo espirito, a delicadeza em referencias pessoais, as situações reaes e flagrantes da vida academica, conseguiram deixar uma deliciosa impressão na assistencia das duas recitas já realisadas com essa magnifica peça theatral.

«Do Sonho á Realidade» foi escripto pelo seu auctor em tres ou quatro semanas, sem preocupações de grande theatro—o que dá a esse trabalho o merecimento d'uma simplicidade sem arrebiques, nem longos *tratados* ácerca de estafados assumptos locaes.

A pedido das primeiras senhoras de Coimbra,—primeiras até como a elite d'almas caridosas—vae dar-se mais uma vez em recita a favor das *Creches* de Coimbra a obra de Martins de Carvalho.

E' já grande o entusiasmo que essa festa está provocando o que prepara mais uma noite de triumpho para o intelligente bacharel.

#### Os interpretes do «Sonho á Realidade»

Damos os retratos d'alguns dos quintanistas interpretes da peça «Do Sonho á Realidade». Antonio Pires e Fernando Figueiredo foram de

inexcedivel correcção no desempenho dos seus papeis

Amilcar Barca creou um typo pela graça com que representou de noiva... sedica.

Pedro Mascarenhas, Antonio Vahia, José Delgado, Vieira de Castro e Campos de Mello deram umas graciosas tricanas, simples e lindas, sobre quem choveram flores e não sei se o engano d'algum beijo.

Não foram de menor merecimento, antes sobresahiram brilhantemente tambem, os distinctos quintanistas Mario Aguiar, Arnaldo Vidal, Rebelo da Silva, Pedro Miranda, Filippe d'Andrade, Arthur Euler, Corte-Real, Brito de Rezende, João Miranda, Mattos Chaves, e teriamos de citar todos os outros se podessemos referir quantos n'essa noite se impozeram á sympathia geral.

A. F.

## Um susto

(De Heitor Malot)

(Conclusão)

Adormeci, mas ligeiramente, prestes a acordar ao menor ruido. Permaneci um tempo infinito, tempo que não pude nunca calcular. Um estranho barulho me fez sair do torpor em que caíra, n'um sobresalto. Eu sabia o lugar em que estava. Lembrei-me logo dos meus terrores, da visinhança que tinha, do meu temor em deitar-me, as historias que me haviam impressionado, e fiquei attonito, sem saber o que fazer. D'ahi a pouco voltei a mim do atonismo em que me mergulhára, e sentei-me na cama á escuta.

Era um barulho medonho que de vez em quando parava para recomeçar d'ahi a pouco. Extendi ávido a mão para a banquinha afim de accender phosphoros, que não encontrei. Deixára-os sobre a chaminé; colloquei ambas as mãos no coração que batia mais e mais! Com os olhos esbogalhados, olhava sem vêr!

Tudo estava em trevas, como se fosse um poço, não deixando o ruido de ouvir-se continuamente. Quiz gritar: as serpentes! mas não pude. O sangue paralyzou-se-me. Aterrorisado loucamente, tentei gritar, chamar alguém, clamar por soccorro, como se sonhára, mas não consegui. Um suor frio me inundou; com os dentes semi-cerrados, caí no leito exausto de forças e angustiado!

Com o cerebro incandescido—apezar de lucido—e vendo claramente como sendo d'outro e não meu, explicava tudo a mim proprio, e seguia os reptis na sua marcha.

Appareceu por de sob a porta de communicação, essa porta que tanto examinára antes de me deitar e que filtrava claridade; o animal andava, endireitava-se e caía, causando o ruido que ouvia; distinguia perfeitamente o rastejar do ophidio. Logo na minha cama estariam reptis viscosos, frios, monstruosos, a enlaçarme, enquanto linguas farpadas e peganhas me lambiriam a cara. Estava agonizante!

Apezar da desordem do meu pensar, lembrei-me de que os reptis—quando não se irritam ou não estão famintos—só pensam em apanhar calor. Ficam depois caídos, sem força e incapazes de qualquer movimento. Por um esforço sobre-humano consegui endireitar-me e pegando no cobertor de lan atirei-o para o sobrado. Com que attenção eu não estava á escuta. Que fariam os ophidios? Era a pergunta que a mim proprio me dirigia. O caso é que o ruido se tornou mais fraco e se tornava mais vagaroso e mais raro.

Calou-se tudo, ao cabo. Suspirei esperançado e a minha respiração foi mais facil e quiz chamar alguém, mas a voz enrouquecêra-se-me. Continuou o mesmo silencio. Raciocinei que o melhor que tinha a fazer era revestir-me de coragem e esperar os acontecimentos até pela manhansinha, visto não ter animo de me erguer d'onde estava.

Só a lembrança de que algum pé sem querer, ao pousar no sôlho, pisava um reptil, eia de sobejo para me tirar toda a coragem que porventura tivesse. Levantar-me e dar ás de villa Diogo apenas conhecesse

o perigo e eu conseguis se evitál-o, vá, mas agora practicar como cego, não se admite. Estava condemnado a ficar alli horas esquecidas encolhido, com receio de tocar involuntariamente n'um d'aquelles ophidios com as pernas, onde de prompto se enroscariam.

\* \*

O dia primeiro que rompesse custou. Afim uma claridade tibia entrou pelas janellas. A pouco e pouco foi-se reforçando até que consegui distinguir os objectos que me cercavam, um tanto confusos ainda.

Apenas a claridade estava no seu auge comeci a examinar tudo com o maximo cuidado e attenção, não me escapasse cousa alguma. O cobertor estava no mesmo sitio para onde o deitára sem vestigio algum de habitante ophidio; o tapete tambem estava conforme o deixára ao deitar-me.

Seria tudo uma allucinação? Calcei-me, vesti as calças e, ainda não as tinha bem enfiadas, já ousava andar. Fui andando com mil precauções, em direcção á porta, mas não dêra ainda tres passos quando tudo me saltou claro aos olhos. A bacia em que me lavára e que me esquecêra tirál-a do chão, estava lá com um rato morto, afogado. Os seus grandes e impotentés esforços para se salvar d'uma horrivel morte é que me tinham causado o medo e a insomnia d'essa noite.

Excusado será dizer que—não obstante tudo—deixei de ser hospede da casa n'esse mesmo dia.

Henrique Marques Junior.

## ADMINISTRAÇÃO POMBALINA

Dissertação apresentada no concurso para professor das disciplinas do 2.<sup>o</sup> grupo das Escolas Industriales

POR JOÃO MANUEL ESTEVES PEREIRA

A administração pombalina foi o assumpto que o nosso antigo collega n'esta redacção e presado amigo Esteves Pereira, escolheu para a sua dissertação, d'entre os pontos comprehendidos no concurso acima referido.

Sem entrar na apreciação individual do grande ministro de D. José I, Esteves Pereira limita-se a apreciar as suas reformas que foram como que o resurgimento da nação portugueza pela sábia administração de Carvalho e Mello.

O melhor d'essas reformas foi a do ensino que se estendeu desde a escola até á officina, e assim n'esta dissertação se enumeram todas as leis pro-



JOÃO MANUEL ESTEVES PEREIRA



mulgadas por Pombal para esse fim. Vem ainda as sobre o commercio e navegação e da justiça.

Colligir todas estas leis em resumo; apreciar a sua influencia na sociedade portugueza onde desenvolveram a instrução e libertaram o trabalho, eis o que o auctor condensou nas 40 paginas da sua dissertação, com bom conhecimento de causa, resultado de muito estudo do assumpto.

Pena foi que Esteves Pereira não pudesse submeter á apreciação do jury do concurso os seus estudos especiaes sobre a historia industrial portugueza, sem duvida o ramo historico mais interessante e porventura o mais proprio a ser ensinado nas nossas escolas industriaes.

Desde cedo se dedicou o auctor aos estudos historico-industriaes. Em 1892 publicou no OCCIDENTE os seus primeiros artigos sobre a historia da industria das rendas, bem como outros que veem citados na capa da presente dissertação e constituem o seu livro *Elementos de logographia industrial*, edição da empresa d'esta revista.

Em 1893, quando frequentava o Instituto Industrial de Lisboa, fez exame final da disciplina *Historia do progresso das industriaes*, sendo approvado com distincção, a unica que se conferiu até alli e durante os cinco annos que ainda durou a mesma cadeira.

Em 1894 celebrou no Instituto 10 de Setembro varias conferencias sobre as industriaes portuguezas, que correm impressas em livro especial, com um prologo de Alberto Campos.

Em 1897 escreveu para a *Bibliotheca do Povo e das Escolas* o volume n.º 200, que tem por titulo *O feminismo na industria portugueza*.

Em outras revistas nacionaes tem publicado numerosos artigos sobre a historia das industriaes. Esses estudos tem em geral merecido referencias e citações de varios publicistas e professores. Entre elles destacaremos um dos proprios vogaes do concurso sr. Lopes Valladas, que na ultima edição da sua *Economia Politica* se lhe refere, quando trata da antiga organização dos officios em Portugal.

C. A.

## NECROLOGIA



SILVA PEREIRA

Era um dos mais estimados e populares actores portuguezes.

Nascera em 1839 e appareceu no antigo theatro da R. dos Condes estreitando-se na comedia drama de Costa Braga *O que é Lisboa*, e ali se conservou até 1862 passando para o Gymnasio, onde se estreitou em 19 de Fevereiro de 1863 na comedia *Verduras da Mocidade*.

N'este theatro tomou parte n'um grande repertorio sendo as peças em que mais se distinguu e que fizeram a sua reputação de artista *O Fidalguinho*, *Mané Côco*, *Rosario*, *batina e chambre*, *Miços e Velhos*, *Dente da Baroneza*, *Naufragar em terra firme*, etc.

Em 1872 partiu para o Brazil, estreitando-se no theatro do Gymnasio do Rio de Janeiro nos *Mozos e Velhos*, sendo recebido com grande agrado o que lhe suggeriu a ideia de ficar no Brazil.

Durante nove annos, Silva Pereira, fez diversas *tournees* ás principaes cidades do Brazil. Voltando a Portugal em 1881 fez a sua reaparição ao publico no theatro da Trindade, na comedia *Piperlin*, que já tinha representado no Brazil. D'alli foi para D. Maria, voltou ao Gymnaio, esteve em D. Amelia, na Rua dos Condes, foi em *tour-*

*née* ás provincias e voltou ao Rio com a Companhia de José Ricardo, tendo casado ha quatro annos com a actriz Maria Emilia.

Falleceu no dia 12 do corrente com 65 annos de idade embora por gracejo lhe quizessem attribuir muitos mais.



GOMES JARDIM

A morte de Gomes Jardim causou profunda commoção não só entre os seus camaradas como entre todos que de perto com elle trataram, e que em grande parte eram seus dedicados amigos.

Francisco Rodrigues Gomes Jardim nascera na cidade do Funchal, na ilha da Madeira em 30 de Março de 1847 e morreu em 15 do corrente com 57 annos de idade.

Em 1881 alistou-se na corporação dos bombeiros voluntarios d'Ajuda.

Em janeiro de 1882 foi nomeado aspirante, 2.º patrão em Janeiro de 1883 e, tendo-se tornado notavel pelo seu arrojo e sangue frio, no grande incendio do hotel Matta ao Calhariz, e no incendio de 29 de Outubro de 1886 na travessa do Convento de Jesus onde salvou uma senhora, recebeu por premio d'este acto de heroismo a nomeação de 1.º patrão effectivo dos Bombeiros Voluntarios de Ajuda e a medalha concedida ao merito philanthropia e generosidade.

Em outubro de 1891, Gomes Jardim foi nomeado chefe de companhia e com a nova organização do serviço de incendios e formação da divisão auxiliar foi classificado como chefe addido á 2.ª secção a que pertencem os Voluntarios d'Ajuda.

Tinha alem da medalha a que acima nos referimos outras duas de D. Maria II por distincção identica, e haver salvo com risco de vida duas pessoas sendo uma n'um incendio e outra no mar,

e as medalhas de ouro da «Société de Sauveteurs de l'Aude (1892) e «Société National de Sauveteurs» (1900).

Em seguida ao piquete de bombeiros municipaes, que abria o prestito, ia a carreta da Associação de Soccorros Mutuos Carlos José Barreiros, coberta pela bandeira da Associação e conduzindo a corôa offerecida pela mesma collectividade, da qual o finado era socio.

A carreta dos Voluntarios de Lisboa transportando as restantes corôas offerecidas, seguida da banda da Real Associação Musical 11 de Março de 1888.

A carreta dos Bombeiros Voluntarios de Ajuda, conduzindo o caixão coberto pela bandeira e pelo seu estandarte.

Era o Voluntario n.º 39 da 2.ª secção, sr. Augusto Restolho, quem conduzia a almofada sobre a qual iam o capacete e o machado pertencentes ao finado.

No alto de S. João discursaram os srs. Alfredo Accacio de Andrade, bombeiro voluntario n.º 5 da 1.ª secção; Carlos Lugin Junior, presidente da assembléa geral dos bombeiros voluntarios d'Ajuda e Mexia Costa, 2.º commandante dos bombeiros voluntarios de Oeiras.

No funeral fizeram-se tambem representar: A Associação dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, Voluntarios do Porto, Faro, Cezimbra, Torres Vedras, Almada, Caldas da Rainha, Oeiras, Dáfundo, Odivellas, Sacavem, Santarem, Municipaes de Lisboa, representantes de varias companhias de seguros, etc.



Recebemos e agradecemos:

O Conde de Castel-Melhor, por D. João da Camara (Edição do «Primeiro de Janeiro») — Porto, 1903. — Só agora temos occasião de agradecer á empresa do jornal *Primeiro de Janeiro*, do Porto, a offerta dos 2 vol. d'este romance historico de que foi editora, e que é mais um primoroso trabalho do nosso director litterario.

Sendo passado já tanto tempo sobre a sua apparição, e depois que elle teve a consagração da critica e o applauso de toda a imprensa, não podemos ser accusados de lisongeiros, porque, o mais que fazemos é associar-nos de bom grado ao numero dos que encontraram na feitura d'este romance os requisitos indispensaveis para o qualificarem de um trabalho historico de subido merecimento e de um estudo consciencioso, da epoca.

Já em folhetins no nosso prezado collega *Primeiro de Janeiro* o romance *O Conde de Castel-Melhor* se tornára bem conhecido, despertando o mais vivo interesse, captivando e emocionando os espiritos pelas suas situações empolgantes e

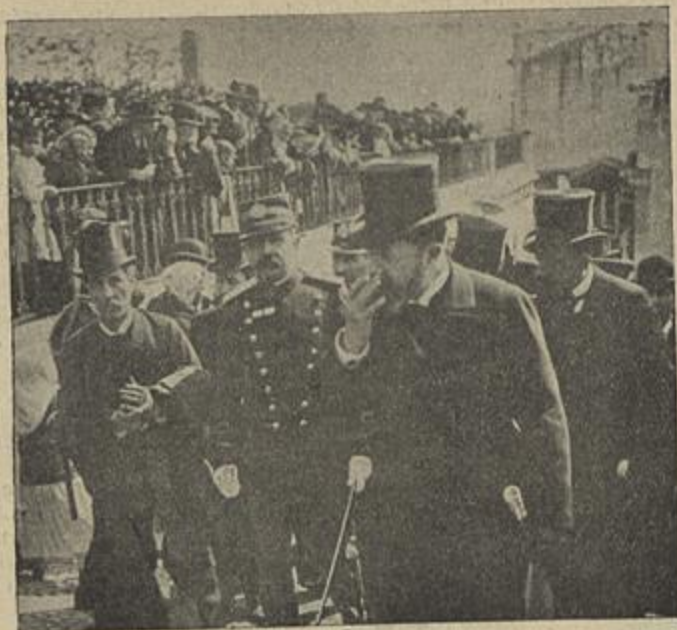


PASSAGEM DO PRESTITO NA RUA DA ALEGRIA

FUNERAL DE GOMES JARDIM

(Instantaneo do sr. Alberto Lima)





OS DELEGADOS DAS CORPORACÖES QUE SE FIZERAM REPRESENTAR NO PRESTITO



BOMBEIROS VOLUNTARIOS DA AJUDA E MUNICIPAES QUE SE ENCORPORARAM NO PRESTITO

### FUNERAL DE GOMES JARDIM

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

pelas galas do estylo que caracterizam todos os trabalhos do grande creador do *D. Affonso VI*, do *Alcacer Quivir*, da *Meia Noite* e de tantas outras joias litterarias, que tem feito a sua grande reputação como dramaturgo, como poeta, como escriptor e agora como romancista.

Do reinado de D. Affonso VI tão cheio de in-

cidentes escabrosos e peripecias ridiculas de mais para um rei, e que tiveram por desenlace o drama tragico da sua morte, tirou D. João da Camara a acção do *Conde de Castel-Melhor*, romance onde a epoca de D. Affonso VI se caracteriza brilhante de verdade e de correcção, sem faltar a nenhum dos detalhes que o romancista precisa observar

n'um trabalho que deve falar principalmente á imaginação do leitor.

E assim temos que D. João da Camara, que já nos havia dado um soberbo drama da epoca, teve ensejo, ao aproveitar muitas das peripecias que não couberam alli, de produzir um romance que é dos mais perfectos trabalhos d'aquelle genero.

**Henrique Bastos** — Cirurgião dos hospitaes  
**DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO**

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS

Senhoras — às 10 horas da manhã

Homens — às 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

**BERLITZ SCHOOL**  
LINGUAS VIVAS

Lisboa  
Rua do Alecrim  
20 A.

Porto  
Largo dos Loyos

Coimbra  
Vianna  
Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

**ATELIER SILVA NOGUEIRA**

PHOTOGRAPHO DE SS. MAGESTADES

Operações com as melhores machinas de CARLOS RELVAS

Retoques primorosos, executados pelo proprietario. Optima luz, dando aos retratos a completa semelhança do modelo. Trabalhos em *platinotypiae* outros processos modernos — Preços modicos.

LISBOA — 18, RUA DE D. PEDRO, V, 20 — LISBOA

Succursaes na Praia da Nazareth e Caldas da Rainha

**PASTOR, GOUVEIA & C.<sup>a</sup>**

Agencia geral no Brazil do

**Correio da Europa**

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

78, 1.º, R. de S. Pedro — RIO DE JANEIRO

**ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE**

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

**Baeta Dias**

Sempre artigos de novidade para brinçes

Rua Augusta — LISBOA

Ultimas publicações da

**LIVRARIA CLASSICA EDITORA**

DE

**A. M. Teixeira**

**A Superstição Socialista**, por R. Garofalo, tradução e prefacio do eminente publicista Dr. Julio de Mattos, 1 vol. 600 réis.

**Real Confeitiro Portuguez e Brasileiro**. Copioso numero de formulas caseiras dos melhores doces, todas experimentadas, coordenadas e revistas pela ex.<sup>ma</sup> ara. D. Sophia de Sousa, 1 vol. 700; cart. 15000 réis.

**Margarida Pusterla**, por Cesar Cantu; tradução, prefacio e notas portuguezas de José Caldas, 2 vol., luxuosamente impressos, 15500 réis.

**Dolores**, de Coelho de Carvalho. Variante em versos portuguezes do drama em 3 actos, de José Fello y Codina, 1 vol. 500 réis.

**Physiologia do Amor**, por Paulo Mantegazza, tradução portugueza de Candido de Figueiredo, 1 vol. 600 réis.

**Problema da Felicidade**, por P. Lombroso, tradução de J. A. Bentes, 1 vol. 600 réis

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

LISBOA

## PREVENÇÃO

Ninguém compre moveis sem conferenciar com os vantajosos preços da nossa Fabrica do Porto, no deposito do Largo do Calhariz, n.º 26 e 27, aonde o publico encontrará um grande sortimento de mobílias em diversos estylos, para todos os preços, assim como reposteiros, tapetes, oleados, espelhos, cortinas, galerias, etc. tudo por preços sem competencia.

Largo do Calhariz, 26 e 27 — LISBOA

REIS & FONSECA